

A música africana no planejamento de Estágio Curricular Supervisionado: um relato de experiência

Comunicação

*Bruno Rodeghiero Motta
Universidade Federal de Pelotas
Brunorr.live96@gmail.com*

Resumo: O presente trabalho apresenta o relato da elaboração e execução de um planejamento de estágio. As propostas foram implementadas em uma turma de 2º ano do ensino fundamental de uma escola da cidade de Pelotas. A temática do estágio partiu de uma concepção multiculturalista do currículo mais especificamente a música na história e cultura africana e afro-brasileira. As propostas elaboradas vieram ao encontro da história de fundação da escola EMEF Luciana de Araújo, nome dado em homenagem à uma mulher negra, filha de escravos e idealizadora, inicialmente, de um orfanato para meninas. Utilizando-se da personagem criada na escola para representar a fundadora da mesma, elaborei atividades baseadas na viagem de “Lucianinha” através do continente africano como forma de conhecer e contextualizar as diferentes canções africanas assim como propus uma junção com as artes visuais para a construção de materiais concretos, instrumentos musicais, utilização de imagens e documentários que auxiliem na contextualização da cultura africana.

Palavras-chave: cultura africana, multiculturalismo, estágio.

Introdução

Este trabalho é fruto de um questionamento sobre a inserção do ensino da cultura africana e, particularmente, da música africana na educação básica e tem como objetivo apresentar algumas propostas de ação pedagógica realizadas durante o Estágio Curricular Supervisionado no curso de Música-Licenciatura. O foco do estágio, centrado na música africana, vem ao encontro das normativas brasileiras: A lei nº 10.639/03; parecer CNE/CP nº 3/2004.

A lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003) estabelece obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. O parecer CNE/CP nº 3/2004 juntamente com a resolução CNE/CP nº

1 de 17 de junho de 2004 estabelecem “Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” (BRASIL, 2004).

A lei nº 10.639/03 no § 2 estabelece que:

Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas Áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras (BRASIL,2003)

O parecer CNE/CP nº 3/2004 busca apresentar uma resposta à demanda da população afro-descendente, ele trata de “[...] políticas de ações afirmativas [...] reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade” referência (Brasil, 2004, p.2) O parecer apresenta discussões sobre “[...]política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas [...]” (BRASIL, 2003, p.2). E sugere, acerca do ensino de cultura africana:

O ensino de Cultura Africana abrangerá: - as contribuições do Egito para a ciência e filosofia ocidentais; - as universidades africanas Timbuktu, Gao, Djene que floresciam no século XVI; - as tecnologias de agricultura, de beneficiamento de cultivos, de mineração e de edificações trazidas pelos escravizados, bem como a produção científica, artística (artes plásticas, literatura, música, dança, teatro) política, na atualidade (BRASIL, 2004, p.12)

A partir da legislação, o desafio foi elaborar uma proposta para o ensino que ressonassem com as leis no sentido de reconhecimento da cultura negra juntamente com a demonstração da contribuição do negro para a história da sociedade brasileira. Um dado que corroborou com a proposta de estágio foi a história da escola a qual foi fundada em homenagem à uma mulher negra, filha de escravos e idealizadora de um orfanato para meninas. Partindo deste contexto, foi possível elaborar uma proposta de ação pedagógica em que a cultura africana estivesse no centro do trabalho e, ao mesmo tempo, em consonância com o Estágio Curricular obrigatório em uma turma de 2º do ensino fundamental. O objetivo principal foi expandir o conhecimento sobre a cultura africana através da música. Para isso me utilizei de canções oriundas de alguns países africanos bem como recursos audiovisuais como fotografias, documentários, mapas etc.

Trazendo a música africana para o contexto da sala de aula temos uma oportunidade de ampliar o repertório musical assim como, através da contextualização com as

características da África e de seus países, criar a familiaridade com outras culturas e despertar a curiosidade acerca da cultura africana.

A abordagem da prática musical com os alunos foi por meio da percussão, canto e o movimento. À título de contextualização, foi feito um “passeio” pelos países africanos utilizando diferentes canções onde foi mostrado a localização geográfica, a fauna, topografia etc. A junção com as artes visuais fez com que os alunos tivessem a possibilidade de lidar com materiais concretos como pinturas, instrumentos construídos de materiais alternativos e desenhos, assim como, visualizassem contextos da música e cultura africana através de imagens e documentários.

A seguir apresento a escola que fará parte do estágio e suas raízes africanas, as concepções multiculturalistas do currículo e o multiculturalismo como possibilidade de mudança, assim como, algumas propostas de ensino da música africana em sala de aula.

A escola EMEF Luciana de Araújo: raízes africanas

A escola EMEF Luciana Lealdina de Araújo foi fundada em homenagem a uma mulher negra filha de escravos que nasceu na cidade de Porto Alegre em 13 de junho de 1870 (CHAVES; MADRUGA, 2018, p.3). Luciana de Araújo possuiu um papel e uma conexão com a educação como objetivo de sua vida, ela:

[...] Sensibilizava-se com a realidade de diversas meninas negras e órfãs que estavam desabrigadas e não tinham para onde ir. Após contrair tuberculose Luciana de Araújo faz uma promessa a São Benedito, dizendo que em caso de cura, construiria um lugar para abrigar essas meninas. [...] Apesar das dificuldades da época, Luciana de Araújo era alfabetizada e passava o ensino adiante, além de também exercer o ofício de quitandeira. E após conseguir o auxílio de algumas pessoas conseguiu a realização de dois feitos incríveis. Quando se tornou a principal fundadora do Asilo de órfãs São Benedito na cidade de Pelotas em 1901 e do Orfanato São Benedito na cidade de Bagé em 1909. Onde abrigou e alfabetizou diversas meninas desfavorecidas. (CHAVES; MADRUGA, 2018, p.3).

A partir de sua fundadora, a escola criou uma personagem, uma menina com o mesmo nome da sua fundadora, com objetivo de valorizar as origens da escola e conscientizar as crianças a partir da educação. A personagem chamada “Lucianinha” está representada por pinturas e decorações em alguns pontos da escola, também é utilizada em alguns trabalhos e semanas temáticas. Esta personagem é uma menina negra de cabelos crespos. A partir da história de Luciana de Araújo e da utilização da “Lucianinha” foi possível dar visibilidade à esta mulher que contribuiu para a história da cidade, como uma idealizadora da educação.

Assim sendo, o trabalho com a música africana além de ter sido coerente com o contexto da escola também pôde contribuir na conscientização das crianças acerca da cultura africana e seu papel na constituição do Brasil como um país multicultural, colaborando assim para a desconstrução do racismo e dos “estereótipos de inferioridade e selvageria, que ainda habitam o imaginário social” (GOMES; MADEIRA, SCHIAVON, 2015) e que, ainda operam na sociedade, mesmo com os avanços no tempo.

A música africana também permite dar às crianças uma nova experiência musical de repertório, a música possibilita vivenciar outros tipos de culturas de uma forma integradora e prazerosa através de brincadeiras, canto, movimento. Joly (2003) descreve a música e a cultura como características únicas de cada povo e sua maneira de organizar os sons, nesse sentido fala sobre como a música:

[...] gera formas sonoras que expressam e comunicam emoções, sensações, percepções e pensamentos que refletem o modo de sentir, perceber e pensar de um indivíduo, de uma cultura ou época. É por isso que diferentes povos ou culturas possuem um repertório musical específico, um diferente do outro, assim como existem, na história da música, diferentes estilos e formas de composição. (JOLY, 2003, p.114-115)

Apesar das razões para o ensino de música africana citados anteriormente há ainda que se considerar o aspecto legal, institucional e político. A lei 10.639/03 sanciona o ensino de história e cultura Africana e o torna obrigatório no âmbito do ensino básico em instituições públicas e privadas em todo o território nacional. A relevância que esta lei traz para o ensino da cultura Africana e Afro-brasileira é destacada em algumas passagens como por exemplo no primeiro parágrafo do Art.26- A:

Art.26-A- Nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

Parágrafo primeiro- O conteúdo Programático a que se refere o Caput deste artigo incluirá o estudo da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes a história do Brasil. (BRASIL, 2003)

Multiculturalismo no estágio: Uma alternativa para a mudança

As propostas geradas para o estágio foram fundamentadas nas perspectivas do Multiculturalismo e na noção multiculturalista de Currículo. O estágio foi considerado como espaço onde o docente em formação tem a possibilidade de construir sua prática pedagógica. De acordo com FIALHO “É no estágio que o estudante coloca em prática os saberes musicais e pedagógicos musicais apreendidos durante sua licenciatura, testando, analisando e comprovando as afirmações assimiladas teoricamente” (FIALHO, 2014, p.54).

De acordo com a afirmação da autora é possível perceber que o estágio é o espaço de prática das teorias apreendidas, mas fundamentalmente, do encontro entre o conhecimento e a realidade. No entanto, ele vai além pois possibilita a criação de novas práticas musicais educativas, bem como, a viabilização de propostas musicais. Estas propostas são pautadas em aportes teóricos e orientadas por uma prática reflexiva onde o aluno desenvolve sua ação pedagógica baseada tanto na teoria ou nos conhecimentos, quanto na prática e na reflexão sobre a prática. De acordo com FIALHO (2014, p.60):

[...] a teoria é insuficiente para a prática pedagógica. O professor precisa desenvolver a capacidade de encontrar soluções para os problemas do dia a dia e considerar a realidade em que estiver inserido. É por meio dessa prática reflexiva que o professor analisa e considera suas ações e reações frente aos seus alunos, assim como as ações e reações de seus alunos frente a sua atuação pedagógica (FIALHO, 2014, p.60)

Esta prática não se resume apenas à prática em sala de aula, mas também a prática nas elaborações de propostas, atividades, planos de aula etc. Sendo assim, nesta prática

reflexiva onde o docente necessita considerar o contexto onde está inserido, as propostas musicais elaboradas aqui apresentadas, ressonam com a teoria do Multiculturalismo.

Contudo, antes de chegar ao multiculturalismo e suas possibilidades de trabalho, irei expor de forma breve as teorias do currículo como ponto inicial. As teorias tradicionais do currículo, foram pioneiras e priorizavam uma funcionalidade técnica se importando com a eficiência que o currículo pode ter em termos de resultados e criação de um produto. Num exemplo, em quantos minutos um aluno consegue executar uma determinada quantidade de operações matemáticas. Partindo desta questão se estabelece um padrão que servirá de referência para o modelo de aluno desejado, o que acaba delegando ao currículo uma função de instrumento técnico.

Já as teorias críticas e pós-críticas questionam as teorias tradicionais e procuram responder questões tais como quais os efeitos de um currículo, por quê ensinar certo conjunto de disciplinas por que este método e não outro para quem é este currículo buscando relacionar questões de poder junto a educação afirmando que currículo é poder, saber é poder. Especificamente em relação à hegemonia do conhecimento, as teorias críticas “desconfiam do *Status quo*, responsabilizando-o pelas desigualdades e injustiças sociais” (SILVA, 2002, p.30)

Dentro das teorias críticas temos o multiculturalismo o qual além de ser considerado uma teoria, uma abordagem política diferente do termo multicultural como explica Lazzarin:

[...] Há que se ter em mente que o termo “multicultural” designa a característica de sociedades formadas por múltiplas comunidades culturais, que convivem entre si. Por “Multiculturalismo” entendem-se certas abordagens de como os problemas e conflitos, gerados pela convivência entre sessas comunidades “originais” podem ser administradas. (LAZZARIN, 2008, p.122)

Desta forma, o multiculturalismo representa um pensamento e uma abordagem política que oferece de algum modo soluções para sociedades multiculturais, para a preservação das características de identidade de cada grupo e principalmente, a não hierarquização ou homogeneização das culturas e do conhecimento. Essa é uma questão

complexa pois as sociedades contemporâneas são dotadas de diversas comunidades culturais onde há incessantes conflitos e mesmo trocas culturais entre esses grupos.

No entanto, dentro do multiculturalismo existem algumas vertentes, a vertente escolhida para fundamentar este planejamento de estágio e a qual vamos discutir é o multiculturalismo crítico, o qual busca a valorização das diferentes comunidades culturais e a solução dos seus conflitos através de políticas afirmativas e da justiça social colocando as relações de poder como centrais na definição da diferença a qual “[...] Não é uma característica natural: ela é discursivamente produzida”. (SILVA, 2002, p.87) Lazzarin complementa:

O multiculturalismo crítico [...] propõem que [...] A diversidade não é uma meta, mas deve ser afirmada dentro de uma política de crítica e compromisso com a justiça social. A diferença deve ser compreendida dentro da especificidade de sua produção, como produto da história, do poder, da cultura e da ideologia. (LAZZARIN, 2006, p.126)

Relacionando o multiculturalismo com o currículo temos como objetivo a crítica à uma hegemonia do conhecimento nas instituições de ensino, as quais através de seu currículo sonham a participação de outras culturas, muitas vezes em nome de uma cultura universal a qual geralmente é determinada via padrões eurocêntricos. Neste sentido, trazendo o multiculturalismo para a ação, isto é, para as aulas de música, estamos buscando uma política de justiça social e dando espaço para a aceitação e o reconhecimento da diferença, a visibilidade de outras culturas.

O contato com a cultura e música africana na infância possibilita no futuro desenvolver outras questões relevantes que são tratadas pelo multiculturalismo. É quando podemos explicar as características da diversidade e da especificidade da diferença, de como a diferença é criada através do conflito entre culturas e as relações de poder implícitas, como descreve o autor:

As diferenças não devem ser simplesmente respeitadas ou toleradas. Na medida em que elas estão sendo constantemente feitas e refeitas, o que se deve focalizar são precisamente as relações de poder que presidem sua produção. Um currículo inspirado nessa concepção não se limitaria, pois, a ensinar a tolerância e o respeito, por mais desejável que isso possa parecer, mas insistiria, em vez disso, numa análise dos processos pelas quais as

diferenças são produzidas através das relações de assimetria e desigualdade. Num currículo multiculturalista crítico, a diferença, mais do que tolerada ou respeitada, é colocada permanentemente em questão. (SILVA, 2002, p.89.)

Desta maneira, a proposta de estágio a partir do multiculturalismo crítico considera a diversidade cultural como característica das sociedades modernas e pensa a diferença como consequência das relações de poder enquanto a diversidade é afirmada através de políticas de crítica e compromisso com a justiça social. Essa crítica e compromisso estende-se através de políticas, leis e movimentos que busquem a conscientização da população, a educação é uma das formas e o meio pelo qual os docentes têm de levar adiante um pensamento crítico e de questionamento sobre as características da nossa sociedade.

Propostas Musicais em sala de aula

O estágio foi realizado com uma turma do segundo ano do ensino fundamental composta de quinze crianças e os encontros duravam aproximadamente 50 minutos. A seguir apresentarei o planejamento de dois encontros, as propostas deste planejamento aulas partindo de uma concepção multiculturalista do currículo e escolhendo a música africana como repertório busquei uma conexão entre a personagem que representa a fundadora da escola.

Assim, elaborei a história que traz para a cena a “Lucianinha”, que quer conhecer a cultura de seus ancestrais. A partir de cada música a personagem conhece um pouco do contexto e das características do continente africano. Levei meu planejamento para a professora de Artes com a intenção de um projeto em conjunto realizando trabalhos fora das aulas de música, mas com a temática dos países africanos e da cultura negra sendo o passeio da “personagem menina” o ponto de partida. A música africana utilizada ao longo do estágio

é a música da africana da África Negra¹ que integra movimento, ritmo, dança, fala e canto.

Sobre a relação integradora da música africana Sodré destaca que:

Na confraternização comunitária, tendo como exemplo a África Negra Tradicional, por um lado o ritmo se estabelece com os movimentos corporais e, ao mesmo tempo, a expressão corporal se desenvolve como ritmo. O conjunto é a dança. Por outro lado, a fala, que natural e espontaneamente acompanha a dança e, ao mesmo tempo, cria a vontade de dançar, combina sua acentuação, entonação e extensão de fonemas coma dança ritmada. É o canto. (SODRÉ, 2010, P.20).

Deste modo as canções abordadas em aula compreendem a forma integradora do fazer musical africano. As canções que serão entoadas Taa Taa Tee e E Nhambo, possibilitam, em conjunto com as artes visuais enriquecer a experiência multicultural em sala de aula. Sobre as características da música africana na sala de aula Guarnieri (2007) coloca que:

A inclusão da música africana na sala de aula funciona como um gerador múltiplo de atividades. Seu sentido comunitário [...] somado a prioridade do fazer musical, outorgam a esta música um potencial educativo que merece ser explorado e difundido através de diversas óticas. (GUARNIERI, 2007, p.48, tradução nossa)

Este trabalho possibilita a reflexão sobre diferentes abordagens pedagógico-musicais tendo como foco a música africana. Estas atividades, pensadas para o planejamento de estágio, utilizam canções de diferentes países do continente Africano e tem a “personagem menina” como elo para a contextualização da música.

A primeira atividade consiste numa canção de acalanto (canção de ninar) chamada *Taa Tee* originária do País de Gana, comumente entoada pelos avós nas comunidades. Com esta canção é possível o trabalho do movimento corporal, da fala, do canto. O movimento se dá a partir da coreografia na qual os alunos executam como se estivessem embalando um

¹ A África Negra compreende os povos africanos ao sul do deserto do Saara. O Norte da África sofreu intensas trocas culturais devido à sua proximidade com a Europa, a Ásia e o Oriente Médio enquanto o sul da conservou, em parte, uma uniformidade básica na variedade cultural e musical, inclusive nas línguas africanas negras tradicionais não existe uma palavra para música, pois a prática musical compreende outros elementos, como a dança e a confraternização social. (Sodré, p.19)

bebê e trabalha o “desenvolvimento de habilidades motoras amplas” (SODRÉ, 2010, p. 23). A contextualização é feita a partir da viagem de “Lucianinha” até a África, de onde seus pais vieram, sendo sua primeira parada no país de Gana. Possibilidades para o trabalho extra-musical para as aulas de artes visuais incluem imagens do país de Gana revelando a topografia, fauna, as cidades, comida, a importância dos avós na família. A seguir a partitura da canção trabalhada:

FIGURA 1 – Trecho da canção *Taa Taa Tee*



Fonte: Retirado do Livro *Música africana na sala de aula*², 2010.

A segunda canção *E Nhambo* originária do país de Camarões é entoada quando os médicos chegam para curar os enfermos. Esta canção trabalha coreografias em conjunto com o canto e oferece a oportunidade de utilização de instrumentos numa atividade onde a turma é dividida em dois grupos. Para os instrumentos confeccionei chocalhos a partir de cabaças utilizando areia fina no interior para a produção do som.

O segundo instrumento construído é o tambor que foi feito com latas de metal fazendo com que a tampa seja a pele de ataque, tomando os devidos cuidados para colá-la ao corpo de forma que não solte quando for percutida. As baquetas foram feitas de palitos para churrasco com rolhas na ponta sendo a parte que irá fazer o ataque nas tampas. A construção destes instrumentos pode ser feita durante a aula com a ajuda das crianças além disso, pode ser aproveitada nas aulas de artes para a customização dos instrumentos através de pinturas que simbolizem algo na cultura africana, desenho dos animais, topografia e símbolos. Logo abaixo segue a parte principal da melodia:

² *Música Africana na sala de aula: cantando, dançando e tocando nossas raízes*. SODRÉ, p.64

FIGURA 2 – Trecho da canção *E Nhambo*



Fonte: Retirado do livro *Música africana na sala de aula*³, 2010.

Conclusões

A proposta de estágio teve a receptividade das crianças que foram envolvidas pelo seu formato lúdico. Entretanto, algumas adaptações tiveram que ser feitas. O espaço físico, isto é, a sala de aula onde as atividades foram realizadas era muito pequena não oferecendo a possibilidade de liberdade que a proposta inicial de realizar movimento aliado ao canto previa. Vale ressaltar que, não possuir um espaço próprio para as aulas de música e/ou não ter aula de música em seu currículo é um este aspecto é recorrente em boa parte das escolas brasileiras.

Outro aspecto que chamou a atenção foi a falta de diálogo e uma ligação com a professora titular de artes o poderia ter ampliado a proposta inicial. Entretanto, os demais aspectos da aula em especial aqueles que envolvem a prática musical, tiveram êxito pois houve a participação das crianças bem como o interesse delas pelo continente africano e a “personagem menina”. Mesmo com os obstáculos enfrentados, os encontros iniciais com a turma mostraram-se promissores. O tema de estágio, orientado por uma visão multiculturalista crítica, possibilitou a construção de atividades que giraram em torno do reconhecimento da diferença.

Em tempos de crise na sociedade, ataques à educação, as minorias e a banalização das políticas sociais através de ataques ideológicos, torna-se necessário que valorizemos e trabalhemos a partir das culturas subjugadas e movimentos políticos que prezam pela igualdade de direitos e pela aceitação. Não se trata somente do cumprimento das leis e das

³ *Música Africana na sala de aula: cantando, dançando e tocando nossas raízes*. SODRÉ, p. 69

políticas públicas que foram instauradas e conquistadas com esforço e movimentação política, mas trata-se também da conscientização dos indivíduos acerca dos momentos históricos que moldaram a nossa sociedade como é atualmente.

Trata-se, pois de transformar a visão de mundo que é delegada a nós diariamente através das mídias, da cultura de massa e dos discursos hegemônicos. Em tempos de pós-modernidade é ainda mais comum que vivamos no presente, no atual, alimentando-nos daquilo que faz parte do nosso cotidiano, tendo uma concepção de mundo isolada da imagem total da realidade a qual é construída através da história.

Ensinar sobre a cultura africana é, logo uma maneira de ensinar sobre a materialidade histórica das lutas dos povos negros, das contribuições da cultura negra para a nossa sociedade e das atrocidades que foram cometidas contra os povos de origem negra. Além do mais, na educação musical ensinar música africana é ampliar o repertório das crianças e oportunizar experiências únicas do fazer musical próprio dessa cultura. O objetivo da prática musical da cultura africana é a busca do distanciamento de um discurso hegemônico sobre o conhecimento abrindo espaço, dentro da escola, para a conscientização e valorização sobre outras culturas bem como suas potencialidades. A finalidade última é a construção de um indivíduo que conheça o processo histórico da sociedade e entenda a diferença entre as culturas como uma especificidade própria de seu momento na história.

Referências

Brasil, Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Dispõe sobre a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm> Acesso em: 28 de maio, 2019.

Brasil, Parecer nº CN/CP 003, de 10 de março de 2004. Dispõe sobre Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf Acesso em: 28 de maio, de 2019.

CHAVES, Larissa Patron; MADRUGA, Thiago. Narrativas emergentes: um olhar poético sobre personagens negros do século XIX e suas contribuições para a formação do Rio Grande Do Sul. *Revista Seminário de História da Arte*. PELOTAS, UFPEL, Volume 01, nº 07, 2018.

FIALHO, Vania Malagutti. A orientação do estágio na formação de professores de música. In: MATEIRO, Teresa; SOUZA, Jusamara (Org). *Práticas de ensinar música: legislação, planejamento, observação, registro, orientação, espaços, formação*. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.p.54-65.

GOMES, Gabriela Teixeira; MADEIRA, Júlio Cesar; SCHIAVON, Carmem G.B. A música como possibilidade de aplicabilidade da lei nº 10.639 no ensino de história. *AEDOS, revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS*. Aedos, Porto Alegre v.7, n.16, p.8-21, 2015.

GUARNIERI, Augusto Pérez. *África en el aula: una propuesta de educación musical*. La Plata: Univ. Nacional de La Plata, 2007.

JOLY, Ilza Zenker Leme. Educação e educação musical: conhecimentos para compreender a criança e suas relações com a música. In: DEL BEN, Luciana; HENTSCHKE, Liane (Org.). *Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula*. São Paulo: Moderna, p.113-125.

LAZZARIN. Luís Fernando. A dimensão multicultural da nova filosofia da educação. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V.14, p.125-131, 2006.

_____. Multiculturalismo e multiculturalidade: recorrências discursivas na educação musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre V. 19, p.121-128, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SODRÉ, Lilian Abreu. *Música africana na sala de aula: cantando, tocando e dançando nossas raízes negras*. São Paulo: Duna Dueto, 2010.